



Entre Inri Cristo, crack e o amor

TREVISAN, Dalton. *O anão e a ninfeta*. Rio de Janeiro: Record, 2011. 159 p.
ISBN 978-85-010-9479-7 850109479X

Alexandre Gaioto

Universidade Estadual de Maringá, Av. Colombo, 5790, 87020-900, Maringá, Paraná, Brasil. E-mail: gaioto.alexandre@gmail.com

Inri Cristo lidera uma pequena procissão pela Rua XV. Calçando sandálias e vestindo apenas um camisolão branco, o homem que afirma ser a reencarnação do Filho de Deus é alto, extremamente magro e cultiva uma farta barba loira. Ao seu lado, duas moças de camisola cáqui desbotada trazem uma faixa anunciando o fim do mundo. São 17h e os transeuntes não se contêm: debocham da cena aos berros e insultos. “Olha aí o grande pilantra! Cai fora, malaco! Lugar de louco é no hospício!” (TREVISAN, 2011, p. 98). Até as crianças que acompanham a via crucis aproveitam para sacanear Inri Cristo: ‘Bi-cha! Bi-cha lou-ca!’ (TREVISAN, 2011, p. 98). Em meio às ofensas, quem diria, Dalton Trevisan surge complacente. “Por que a intolerância, a cólera que espuma? E não aceitá-lo pobre excêntrico, um mais entre tantos? A ninguém agride, quem sabe diverte” (TREVISAN, 2011, p. 98), defende o Vampiro de Curitiba em ‘O reencarnado’, uma das boas histórias de *O anão e a ninfeta*, contemplado com o prêmio Portugal Telecom de melhor livro de contos de 2012.

Em sua nova obra, Dalton Trevisan explora as novelas nada exemplares do submundo curitibano, protagonizadas por loucos, alcoólatras, usuários de crack e cocaína, prostitutas e mulheres brutalmente espancadas. Não é uma obra tão violenta quanto *Macho não ganha flor* (2006) e *O maníaco do olho verde* (2008)-, mas os episódios do horror urbano estão lá, narrados sempre por uma voz não confiável, carregados de gírias contemporâneas, lacunas de silêncios e um humor grotesco.

É assim que o Vampiro de Curitiba retoma um de seus contos mais conhecidos, ‘Uma Vela para Dario’, publicado originalmente em 1964 no livro *Cemitério de elefantes*. No conto clássico, Dario leva 2h para morrer, de uma morte natural cuja causa não é explicitada pelo narrador – provavelmente um ataque cardíaco, conforme a avaliação de um dos personagens que acompanham o drama do protagonista. Enquanto agoniza, seus pertences são surrupiados, pouco a

pouco, por pedestres anônimos: apenas uma vela, no final da história, é depositada por “[...] um menino de cor e descalço” (TREVISAN, 1964, p. 40) ao lado do corpo de Dario.

A versão, agora, com ‘Uma rosa para João’, surge com algumas diferenças. Em vez da morte natural, o personagem é assassinado. A trama, originalmente ambientada em uma cidade, foi transposta para uma favela, e a ajuda não vem, segundo o narrador, porque os moradores estão temerosos com relação aos gritos de socorro do protagonista, quebrando o silêncio da madrugada. ‘Com medo ninguém acudiu’, justifica o narrador. Os pertences de João – “[...] o velho par de chinelo, o boné com a inscrição Jesus, um cachimbo partido, a garrafa de pinga vazia” – (TREVISAN, 2011, p. 85-86) não foram afanados pelos populares, como aconteceu com Dario, e permanecem com o personagem, juntamente com uma flor espetada na boca: capricho fúnebre deixado pelo assassino. Dario ganhou uma vela; João, uma rosa. No conto, João é um andarilho, ex-morador de rua, viciado em ‘droga e cachaça’. A mulher foi trocada ‘por trinta pedras’ e a filha vendida ‘por um tantinho de pô’. Com ‘Uma rosa para João’, Dalton Trevisan atualiza o antológico conto da década de 60, apontando mudanças no submundo curitibano, como as novas drogas (cocaína, crack) e os novos espaços urbanos (favela): o Vampiro não parou no tempo.

Quando se dedica às tramas violentas, o contista investe em uma escrita seca, permeada de desespero e ironia: bem diferente de quando se debruça sobre o amor, soltando, para valer, a danada mão de poeta contido, pincelando metáforas e silêncios, compondo ilhas de um lirismo vigoroso, afoito e fatalmente cômico, como no excerto de ‘O caracol’:

Comigo não tem essa de ai, Jesusinho, não pode, ai, não, assim dói. Eu quero tudo o que o meu Grão-Mestre ensinou – o remoinho de braços e pernas, o mordisco e o tabefe nas dunas calipigias, a garoa miúda de palavras porcas e líricas, a língua titilante na orelha que orvalha a calcinha o miado o grito o uivo! a louca vertigem! a revoada nupcial nas asas dum dragão de

fogo sobre os telhados da Rua Ugolino. (TREVISAN, 2011, p. 132).

No conto ‘O velho poeta’, o recluso Dalton Trevisan, de 87 anos, dá voz ao escritor parnasiano Alberto de Oliveira, uma espécie de seu ‘alter ego’, também idoso, com aproximadamente a mesma quantidade de livros publicados – ‘cerca de quarenta’ – e que vive em Curitiba isolado das pessoas. Ao analisar a capital paranaense, definida como ‘província ingrata’ e ‘aldeia estrangeira’, Alberto de Oliveira nota a ausência dos ‘famosos chatos’, ‘os tais chatos das sete pragas do Faraó’ que antes perambulavam pela cidade, fazendo referência ao conto ‘Senhor’, publicado por Dalton Trevisan em 1968 no livro *Mistérios de Curitiba*. Bem conhecido, escrito em forma de oração, o texto traz o apelo do narrador para que Deus o afaste de todos os chatos.

Revisitando rapidamente o conto da década de 60, o ‘alter ego’ de Dalton Trevisan lança um olhar surpreendentemente irônico àquelas súplicas contra os sujeitos inconvenientes:

Epa! que fim, que triste fim deram aos famosos chatos da cidade? Nas ruas já não esbarro em nenhum conhecido, sequer os tais chatos das sete pragas do Faraó. Programado para deles fugir, não é que de repente sinto a sua falta? (TREVISAN, 2011, p. 47),

relembra o narrador. ‘A cidade é outra’, decreta, observando as discrepâncias entre as duas Curitibas, a contemporânea e a do passado.

Em 159 páginas, Dalton Trevisan vira até conselheiro sentimental, disparando dicas e questões preciosas aos jovens apaixonados:

O jogo amoroso é uma guerra suja de poder. Pode mais quem gosta menos; [...] ódio é componente fatal do amor; [...] prender o ente amado é certeza de perdê-lo. E, se não o prendemos, como hei de guardá-lo? (TREVISAN, 2011, p. 157-158).

Com fôlego de jovem escritor, publicando praticamente uma obra inédita por ano, Dalton Trevisan continua com a mão firme. Revisa seus contos antológicos, atualizando a Curitiba mitificada em suas obras, e pode escrever sobre qualquer assunto, mantendo sempre um final arrebatador, enlaçando o leitor até a alma. Das violentas e trágicas peripécias do cotidiano, passando pelos sábios conselhos amorosos, à inusitada *via crucis* de Inri Cristo às 17h pela Rua XV: a marca do gigante, concisa e silenciosa, em cada linha do Vampiro de Curitiba.

Referencias

- TREVISAN, D. **Cemitério de elefantes**. Rio de Janeiro: Record, 1964.
 TREVISAN, D. **O anão e a ninfeta**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

Received on October 25, 2013.

Accepted on January 14, 2014.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.